

A ARTE COMO UM RECURSO EDUCADOR

Ricardo Max Lima CAVALCANTE¹

Resumo

Por muitas vezes caímos no equívoco do ensino tradicional-tecnicista de resumir toda a nossa prática docente somente em livros, anotações na lousa e tarefas para casa para os nossos discentes, fazendo com que a nossa prática e o aprendizado dos nossos educandos tornem-se práticas mecânicas. Esta robotização das escolas que se assemelha ao que acontece nas fábricas onde o objetivo é somente produzir, ou no caso específico da escola, somente reproduzir conteúdos passados pelo professor acaba excluindo o caráter humano da relação de aprendizagem dos homens. Por isso iremos buscar na estética desde autores da Grécia clássica como Aristóteles (1996) que já nos alertava da importância da arte na nossa vida cotidiana e na educação dos homens, mas também autores como Walter Benjamin (2012) e György Lukács (1978, 2009) que apelavam para a arte não caísse na futilidade do “mero entretenimento” muito comum na contemporaneidade onde os filmes estão repletos de violência e barbárie gratuitas para o agrado do telespectador alienado. Este trabalho então tem o papel de trazer a importância da intuição artística e do papel dos nossos sentimentos para a educação.

Palavras-chave: Estética; educação artística; filosofia da arte.

Introdução

A educação não se resume ao tempo que passamos dentro da escola, este espaço é somente um espaço formal para a apreensão de todo o saber construído historicamente pela humanidade, no entanto, não passamos mais de onze horas por dia sem aprender algo (MÉSZÁROS, 2011), pois sempre estaremos passando por situações diferentes dia após dia e assim aprenderemos a superar novas adversidades que aparecem cotidianamente nas nossas vidas.

Nesta educação cotidiana acabamos nos relacionando com os nossos problemas sociais e individuais tanto de uma forma consciente como de uma forma sentimental, afinal não somos seres com duas cabeças: uma para a consciência e a outra para os sentimentos.

¹ Graduando em Filosofia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) campus A.C. Simões e bolsista do Programa Institucional com Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).

Todavia, diferentemente desta educação no sentido universal, a educação escolar por muitas vezes busca separar a consciência dos sentimentos individuais através da educação tradicional-tecnicista, da reprodução mecânica em tarefas onde o único objetivo é a nota. Como se o que importasse em termos educacionais pudesse ser algo medido quantitativamente.

A obra de arte pode resgatar em nós os sentimentos mais humanos que estão resguardados e por muitas vezes esquecidos. Nosso apelo aqui é a partir de uma reflexão filosófica servir de apelo para a importância da produção artística dentro das salas de aula, do consumo das obras de arte, como quadros, filmes, peças de teatro etc. E que estas experiências estéticas não se resumam à sala de aula, mas que transpassem as barreiras da sala de aula e que invada a educação universal dos indivíduos que estão sendo formados por nós professores.

A preocupação com a educação dos homens através da arte não é algo novo. O filósofo grego Platão já alertava o cuidado que deveríamos ter com as obras de arte que poderiam influenciar as pessoas através de seus personagens para que cometessem atos ruins, por exemplo, os bêbados nas comédias poderiam servir como péssimos exemplos para os homens. Mas também pelo fato da arte ser uma imitação imperfeita da realidade sensível que para Platão esta realidade era uma imitação das essência da realidade no qual habitava no mundo das ideias: “Refleta-se agora no seguinte: a que finalidade serve a pintura no caso individual? Ela quer imitar o *ser* essencial das coisas tais como são, ou a sua aparência tal como se revela ao olho? Ela é uma imitação da aparência ou da verdade?” (PLATÃO apud LUKÁCS, 1978, p. 124, grifos do autor).

Todavia, Aristóteles, discípulo de Platão criticou esta visão negativa de seu mestre acerca da arte. Vale ressaltar que Platão contraditoriamente foi um grande poeta nos seus diálogos filosóficos. Aristóteles no seu tratado intitulado “*A Poética*” fez uma análise dos diferentes gêneros artísticos de sua época, mais especificamente a tragédia e suas semelhanças com a epopeia, mas não fez um simples estudo da arte em si mesma, ele conseguiu explicar as consequências que a arte traz para os indivíduos.

A tragédia e a catarse

Para Aristóteles (1996) a obra de arte é uma imitação da realidade ou como os gregos chamavam de *mimesis* das ações humanas. Entretanto, cada gênero artístico representava homens e ações diferentes: a comédia imitaria homens menos virtuosos (inferiores), a tragédia imitaria os homens mais virtuosos (superiores). As personagens da comédia seriam aquelas que possuíam vícios e por isso se deixavam levar-se aos próprios desejos irracionais, enquanto que as personagens da tragédia sempre seriam homens virtuosos que por alguma escolha terrível acaba caindo em um infortúnio. Aristóteles na sua Poética irá dedicar-se à análise do gênero trágico e suas influências na vida dos expectadores.

Esta imitação inerente da obra de arte não é uma simples reprodução da realidade, esta imitação é produzida pela inspiração da criatividade do artista que consegue passar na sua obra – seja um livro, uma peça, uma música etc. – fatos que podem acontecer, ou seja, a obra de arte deve possuir uma verossimilhança. A arte ser uma *mimesis* não significa que ela deva ser necessariamente uma cópia de um fato ocorrido, a função destas produções humanas era despertar os sentimentos mais adormecidos dentro dos homens e segundo Aristóteles (ibidem) o gênero artístico que fazia esta função com uma maior eficiência era a tragédia.

A tragédia por meio de dois sentimentos: o temor e a pena inspirado pelas ações das personagens comovem o indivíduo que assiste a tragédia gerando uma catarse estética: “É a tragédia a representação duma ação, de alguma extensão e completa, em linguagem exornada, cada parte com o seu atavio adequado, com atores agindo, não narrando, a qual, inspirando pena e temor, opera a catarse própria dessas emoções” (ibidem, p. 36). A catarse estética nada mais é do que a expurgação dos sentimentos – que para Aristóteles eram somente os sentimentos negativos – do indivíduo, gerando uma espécie de alívio e também uma transformação mesmo que pouco perceptível nos homens. Tomemos como exemplo a tragédia grega “*Édipo Rei*” escrita por Sófocles onde o herói principal da trama por meio de uma série de escolhas ruins acaba se casando com sua própria mãe e matando seu próprio pai ao tentar fugir de seu próprio destino. Esta trágica estória acaba gerando uma empatia em quem assiste esta terrível estória com o herói que cai em desventura, Édipo.

Para Santos Neto (2013, p. 57) a catarse: “se constitui como forma privilegiada de esclarecimento da relação dialética e contraditória que concerne ao universo estético e ao universo ético”. O indivíduo ao se sentimentalizar com os fatos narrados na trama e começa a pensar seus próprios valores éticos perguntando-se: “e se eu estivesse no lugar de Édipo?”, “o

que poderia ter sido feito?”, “haveriam soluções possíveis?” etc. A arte então é um meio reflexivo para entender o mundo dos homens e também um objeto útil para a construção dos elementos éticos dos indivíduos.

Aristóteles (1996) na sua época não chegou conhecer os diferentes gêneros artísticos que a humanidade produziu durante a história, especialmente na modernidade como a fotografia e o cinema. Por isso, acreditamos que a catarse estética pode ser causada além da tragédia e além do gênero teatral em outros gêneros como a pintura e a escultura.

Arte pela arte?

Diferentemente da nossa compreensão de arte como um complexo social que está inerentemente interligado ao mundo dos homens e possível de nos ensinar existe um movimento moderno de defesa da “arte pela arte”, ou seja, uma defesa e uma compreensão de que a arte não possui nenhum contato com a vida dos homens, que a arte serve somente para o entretenimento sem nenhuma responsabilidade das pessoas ou como uma “fuga” da realidade para esquecermos tudo o que nos circundam.

Acreditamos que esta atitude seja uma das responsáveis pela banalização da barbárie em mídias como o cinema, mostrando que podemos nos “divertir” com a violência gratuita dos filmes cheios de guerras, explosões, violência etc. Este problema foi de certa forma diagnosticado por Benjamin (2012) em um texto da década de 30:

a arte pressente a aproximação de uma crise que se tornará cada vez mais evidente nos próximos cem anos; reagirá com a teoria da arte pela arte, que constitui uma teologia da arte. Dessa teoria nasce uma teologia negativa na forma da ideia de uma arte “pura”, que recusa não somente toda função social, mas também qualquer determinação objetiva (BENJAMIN, 2012, p. 15-16).

O movimento “arte pela arte” acaba nos influenciando de forma negativa de uma forma que acabamos não reconhecendo o caráter educador da arte e da produção artística independente por estarmos acostumados com esta visão de arte como um mero entretenimento irrelevante.

A importância das experiências estéticas não é somente para o expectador de uma peça ou de um filme ou o ouvinte de uma música, mas também para quem produz arte, e para isso não precisa ser um Van Gogh, um Godard, um Shakespeare, uma Frida Kahlo ou qualquer

outro grande artista conhecido e renomado, mas qualquer pessoa por mais inexperiente que seja pode dedicar-se à produção artística e assim aprender mais e mais a cada vez que se dedica à sua obra. Honoré de Balzac não nasceu como o autor da grande “*A comédia humana*”, mas para que ele chegasse a tal ponto teve que se dedicar à literatura.

Assim como a filosofia e a ciência, a arte também é uma forma de conhecimento ao passo que o artista – por meio da *mimesis* – consegue expor um reflexo do mundo exterior da cabeça do artista. “A verdadeira arte visa ao maior aprofundamento e à máxima abrangência na captação da vida em sua totalidade onidirecional” (LUKÁCS, 2009, p. 105). O papel do artista é então aprofundar-se na busca dos momentos mais essenciais ocultos pela superfície dos fenômenos através da intuição (ibidem). Por isso, a educação artística e o incentivo à produção artística são essenciais na formação dos indivíduos para conhecerem o mundo e se autoconhecerem.

Em seus diferentes níveis escolares os indivíduos devem manter contato com o que já foi produzido pela humanidade artisticamente como experimentar a práxis estética de fazer com suas próprias mãos uma pintura, uma literatura em quadrinhos, uma encenação entre outras práticas, pois estas experiências individuais e coletivas transformam o indivíduo como demonstramos acima.

Logos, pathos e ethos

Para compreendermos a importância da arte no nosso desenvolvimento cognitivo devemos primeiro entender o sentido de três palavras gregas: *logos*, *pathos* e *ethos*.

Logos em um sentido literal possui vários significados como: Medida, razão, argumento racional etc. Utilizamos esta palavra como o local que habita a filosofia e a ciência moderna e que foi um elemento de ruptura da consciência mítica (*mythos*) na Grécia antiga: “Os filósofos divergem entre si e a filosofia se distingue da tradição dogmática dos mitos oferecendo uma pluralidade de explicações possíveis. Assim justificamos a perspectiva comumente aceita da ruptura entre *mythos* e *logos* (razão)” (ARANHA; MARTINS, 1993, p. 67). O *logos* não é utilizado somente na filosofia, mas também quando dividimos o número oito pelo número dois e obtemos o número quatro como resultado ($8 : 2 = 4$), estamos exercitando o nosso *logos* e chegamos numa razão da sentença: o número quatro.

Já o sentido da palavra *pathos* seria os nossos sentimentos, nossas paixões, nossos temores e tudo aquilo que sentimos do ponto de vista afetivo e aquilo que é tocado na relação estética com as obras de arte que observamos ou nas obras de arte que produzimos. É no *pathos* que a catarse estética opera a sua expurgação sentimental como falamos acima. O momento da catarse é responsável pelo encontro de nós mesmos com nossas próprias emoções, fazendo com que possamos medir nossas ações a partir da imitação das personagens de uma trama ou de uma pintura específica.

Ethos possui um duplo sentido que se complementa. O primeiro sentido seria o de costume de um povo, normas sociais, leis, práticas etc. O segundo sentido é o de valores e princípios éticos do indivíduo. Para distinguir este *ethos* coletivo do *ethos* social, a tradição filosófica atribuiu ao primeiro o nome de moral e do segundo de ética.

No entanto, muitas vezes estes dois tipos de *ethos* entram em contradição. Apesar de possuírem o mesmo nome e de certa forma o mesmo sentido, o *ethos* universal (da sociedade) influencia a construção do *ethos* particular (do indivíduo), mas muitas vezes o *ethos* particular pode contrariar os valores postos pela sociedade. Lembremos do caso de Sócrates, julgado injustamente pela democracia ateniense à pena de morte pela falsa acusação de corromper a juventude e de criar novos deuses:

Por isso, quantos, por inveja ou calúnia, vos persuadiam, e os que, convencidos, procuravam persuadir os outros, são todos, por assim dizer, inabordáveis; porque não é possível fazê-los comparecer aqui, nem refutar nenhum deles, mas devo eu mesmo me defender, quase combatendo com sombras e destruir, sem que ninguém responda. Admiti, também vós, como eu digo, que os meus acusadores são de duas espécies, uns, que me acusaram recentemente, outros, há muito dos quais estou falando e convinde que devo me defender primeiramente destes, porque também vós os ouviste acusar-me em primeiro lugar e durante muito mais tempo que os últimos (PLATÃO, s/d).

Os valores de Sócrates – diferentemente – da sociedade grega na qual ele estava situado não admitia as denúncias feitas por ele da hipocrisia de seus legisladores, seus educadores, seus líderes militares etc. E para que esta contradição fosse superada, a solução encontrada pela classe dominante ateniense foi a pena de morte para a ameaça à hipocrisia na qual Sócrates era.

O *ethos* universal é construído historicamente seguindo os padrões de produção econômica, as relações de produção, a ideologia dominante, a religião etc. Mas também o

ethos particular vai ser influenciado por todos estes fatores, afinal, não existe indivíduo fora da sociedade.

O artista possui um *ethos* e este será impresso nas suas obras e estas obras influenciarão o *ethos* dos outros indivíduos ou até mesmo o *ethos* universal, fazendo com que os que possuem contato com a obra acabem se sentimentalizando – afetando o *pathos* do indivíduo – e que repensem seus próprios valores éticos – modificando o *ethos* através do *logos*.

Todos estes três: *logos*, *pathos* e *ethos* estão inteiramente conectados mesmo que o ensino educacional busque separar ambas esferas e queira somente ensinar um *logos* tecnicista, a arte nos ajudaria a criar paralelos entre nossa razão e os nossos sentimentos, dando assim um caráter “logopático” à consciência humana.

Entretanto, isso não significa que sempre estas três esferas estão sempre em harmonia, e sim em constante contradição dialética, seja quando o indivíduo se depara com a sociedade, seja quando o indivíduo se depara consigo mesmo e o resultado final desta contradição (desta síntese) é o desenvolvimento ético-social do indivíduo. Nunca devemos separar o indivíduo da sociedade, nem mesmo a arte da sociedade como quer o movimento “arte pela arte”. Devemos sempre estarmos atento para esta vulgarização da arte dos filmes de grandes franquias que assim como qualquer objeto no sistema capitalista torna-se uma mercadoria que o seu destino é o lucro.

Considerações finais

Estamos convencidos de que a arte é um reflexo – estético – da realidade e por isso pode nos aproximar da reflexão acerca do mundo, da sociedade, dos sentimentos etc. Mas diferentemente do reflexo científico que o sujeito não influencia diretamente no objeto, a arte é uma eterna interação entre o sujeito artista e a realidade imitada: “o reflexo estético não é um reflexo mecânico da realidade, mas um reflexo dialético, porque considera a interação existente entre a subjetividade e a objetividade” (SANTOS NETO, 2013, p. 59).

É um fato que atualmente o acesso à cultura tornou-se mais fácil e democrático do que anteriormente na história da humanidade através da reprodutibilidade técnica do cinema e da fotografia: “A reprodutibilidade técnica da obra de arte altera a relação das massas com a

arte” (BENJAMIN, 2012, p. 25, grifos do autor). Anteriormente, as classes oprimidas só tinham acesso aos seus próprios produtos culturais-artísticos como danças e artes religiosas (lembramos da capoeira, do samba, do candomblé como representações culturais-artísticas do povo escravo e quilombola no Brasil). Atualmente é muito mais fácil assistir um filme que represente Hamlet sem o espectador ter que ler a obra original. No entanto, esta democratização da arte pela reprodutibilidade técnica e a posse das produções artísticas das classes oprimidas intensificam a alienação social nos homens, gerando um velamento da realidade social e de seus problemas, jogando para o lado a reflexão que poderia ser gerada pela obra de arte ao passo que este tipo de produção “artística” nos educa para a naturalização desses problemas: a pobreza e a miséria se tornam algo natural, a violência e o assassinato se tornam algo natural, o crime esse torna algo natural etc.

Por isso, devemos resgatar o valor humanista da arte e da sensibilidade estética dos nossos educandos e até mesmo de nós educadores independente da mídia que seja utilizada: seja uma música, uma pintura, uma escultura ou até mesmo uma produção que por muitos é marginalizada como os quadrinhos, mídia no qual consegue relacionar a escrita e o desenho. A combinação perfeita entre a literatura e a pintura.

Esta práxis vai ampliando o horizonte do educando acerca do mundo que o cerca e faz com que o seu conhecimento racional possa ser posto em prática na arte. Como também é importante o contato dos educandos com a arte universal, nacional e regional para que este aprenda a importância histórica, cultural, sociológica, filosófica, religiosa de um “mero quadro”.

Todavia, não podemos cair na ingenuidade de acreditar que esta retomada estética irá modificar todas as relações sociais na sociedade atual e que isso dará um fim à alienação do sistema capitalista, para que isso acabe, a sociedade deve ser transformada nas suas bases reais e materiais para que a exploração do homem pelo homem, e, conseqüentemente a necessidade de alienação para a manutenção da ordem capitalista. Nosso papel aqui é resgatar a importância de uma educação humanista mesmo nas bases alienadas da nossa sociedade para uma transformação dos indivíduos e quiçá posteriormente uma transformação social, algo que dependerá dos indivíduos e não mais da arte.

Também vale ressaltar que o reflexo estético não significa uma reprodução fiel da sociedade, negando as obras de ficção científica, as obras de fantasia etc. O que torna a obra

de arte uma *mimesis* da realidade é a sua verossimilhança, e esta será alcançada dentro somente da trama ou do contexto que a arte quer representar, seja uma sociedade futurista distopia, seja uma narrativa fantástica de uma sociedade de animais que possa representa de forma sátira a nossa realidade e também ensinando de forma lúdica e humanista nossos(as) estudantes.

Referências

ARANHA, M.; MARTINS, M. **Filosofando**: Introdução à Filosofia. 2. ed. São Paulo: Editora Moderna, 1993, 395 p.

ARISTÓTELES. A poética. In: **Coleção Os pensadores: Aristóteles**. Nova Cultura, 1. ed. São Paulo, 1996, 31-60 p.

BENJAMIN, W. **A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica**. 1. ed. Rio de Janeiro: Contraponto Editora Ltda, 2012, 40 p.

LUKÁCS, G. **Introdução a uma estética marxista**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1978, 298 p.

_____. Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels. In: LUKÁCS, G.; COUTINHO, C. (Org.); NETTO, J. (Org.). **Arte e sociedade**: escritos estéticos 1932-1967. 1. ed. Editora UFRJ, 2009, 87-119 p.

MÉSZÁROS, I. **O desafio e o fardo do tempo histórico**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2007, 394 p.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. Disponível em: <
<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000065.pdf>>. Acesso em 02 de agosto de 2016.

SANTOS NETO, A. Capítulo IV – *Catarse (Katharsis)* como articulação entre estética e ética em G. Lukács. In: **Estética e ética na perspectiva materialista**. 1. ed. São Paulo: Instituto Lukács, 2013, 57-69 p.